

CONTRIBUIÇÕES DA SOCIOLOGIA DO ESPORTE PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA

CONTRIBUTIONS OF THE SOCIOLOGY OF SPORT TO PHYSICAL EDUCATION

Julio Cesar da Silva Cardoso 1

Renan Santos Furtado 2

Carlos Nazareno Ferreira Borges 3

Resumo: O presente trabalho se trata de um ensaio teórico oriundo do processo formativo desenvolvido em uma formação para a pesquisa. Seu objetivo foi discutir as principais contribuições teóricas/epistemológicas que a Sociologia do Esporte apresenta à área da Educação Física. A reflexão aqui empreendida buscou compreender a importância e relevância das contribuições realizadas pela Sociologia do Esporte para a área da Educação Física, especialmente as seguintes temáticas: a gênese do esporte, a questão do profissionalismo e amadorismo, a violência presente nos esportes e as características do esporte ligadas à modernidade. Sendo assim, pontuamos que: 1) O berço do esporte foi a Inglaterra, em especial, as public schools; 2) A questão do amadorismo e profissionalismo teve seu conflito de fundo baseado na representação do capital x proletariado; 3) A progressiva organização sistemática das práticas foi essencial para que o esporte pudesse ser praticado nas demais public schools da Inglaterra; 4) A secularização e a racionalização são irrefutavelmente as características centrais do esporte.

Palavras-chave: Esporte. Sociologia do Esporte. Educação Física.

Abstract: This work is a theoretical essay arising from the training process that took place in a training trajectory for research. Its objective was to discuss the main theoretical/epistemological contributions that the Sociology of Sport presents to the area of Physical Education. The reflection carried out here sought to understand the importance and relevance of the contributions made by the Sociology of Sport to the area of Physical Education, in particular the following themes: the genesis of Sport, the issue of professionalism and amateurism, the violence present in sports and the characteristics of Sport linked to modernity. Therefore, we point out that: 1) The birthplace of Sport was England, in particular, public schools; 2) The issue of amateurism and professionalism had its fundamental conflict based on the representation of capital x proletariat; 3) The progressive systematic organization of practices was essential so that Sport could be practiced in other public schools in England; 4) Secularization and rationalization are irrefutably the central characteristics of Sport.

Keywords: Sport. Sociology of Sport. Physical Education.

-
- 1 Estudante do 6º semestre do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Pará (UFPA). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1141569634464235>. ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-9692-2192>. E-mail: julio.cardoso@iced.ufpa.br
 - 2 Graduado em Educação Física (UFPA), Mestre e Doutor em Educação (UFPA). Atualmente é professor da Escola de Aplicação da UFPA (EAUFPA). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0724633321532061>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7871-2030>. E-mail: renan.furtado@yahoo.com.br
 - 3 Graduado em Educação Física (UFPA), Mestre e Doutor em Educação Física (Universidade Gama Filho), Pós-doutor em Memória Social (UNIRIO). Atualmente é professor do Instituto de Ciências da Educação (ICED) da UFPA. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2548063126332942>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1908-3315>. E-mail: cnazareno@ufpa.br

Introdução

Este ensaio é originário de um dos eixos de estudo presentes no plano de trabalho intitulado “Processos de socialização e formação das juventudes na ambiência escolar por via do esporte”, por intermédio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica e de Desenvolvimento Tecnológico e Inovação da Universidade Federal do Pará (PIBIC/UFPA), fazendo parte das investigações desenvolvidas no projeto de pesquisa “Questões contemporâneas na pesquisa sobre corpo e Esporte”, desenvolvido na Escola de Aplicação da UFPA (EA-UFPA).

O presente estudo pretende pontuar a relação existente entre Sociologia do Esporte e Educação Física, visando compreender que esse acontecimento é relativamente recente, todavia apresenta contribuições teóricas/epistemológicas e metodológicas de grande valia para nos ajudar a decifrar o campo da Educação Física. Um destaque deve ser dado ao fenômeno esportivo, um dos objetos que esse campo se dedica a estudar e tematizar em contextos de prática pedagógica.

A relação entre Sociologia do Esporte e Educação Física se apresenta cada vez maior e mais estimada, porém não ocorreu com toda essa valorização ao longo da trajetória de existência comum entre ambas. Isso porque ao mesmo tempo que o esporte é concebido como fato social, contraditoriamente, quase sempre foi um dos objetos menos estudados e mais mal vistos pelas pesquisas sociológicas (Helal, 1990; Bourdieu, 2004).

A ocorrência supramencionada de modo algum anula os subsídios que o campo sociológico fornece à Educação Física. Portanto, neste trabalho, temos como objetivo discutir as principais contribuições teóricas/epistemológicas que a Sociologia do Esporte apresenta à área da Educação Física, sendo necessário, em algum momento, observarmos a partir dos encontros históricos entre as áreas.

No que diz a respeito à metodologia, aplicaremos o recurso do ensaio teórico, com a utilização de fontes bibliográficas para subsidiar as reflexões e os apontamentos que serão realizados. Conforme Severino (2016), podemos assumir o ensaio teórico como uma tipologia textual, cujo objetivo é demonstrar a posição dos autores em referência a uma determinada temática, a partir de um aporte conceitual proveniente de outros estudos.

Nesse sentido, a reflexão a seguir é baseada em determinados estudos dos campos da Sociologia do Esporte, tais como: Helal (1990), Bourdieu (1983), Elias e Dunning (1992), Bourdieu (2004) e Dunning (2011); e do campo da Educação Física: Betti (1997), Bracht (2005) e Stigger (2011). É importante frisar que a escolha dos trabalhos em questão ocorre em virtude das suas relevantes e destacadas contribuições para a compreensão de nosso objeto. Desse modo, buscaremos revigorar o debate da temática/relação existente entre Sociologia do Esporte e Educação Física.

Estruturalmente, este texto conta com três tópicos incluindo esta introdução. No segundo tópico, será realizada a discussão da contribuição da Sociologia do Esporte para Educação Física, a qual será dividida em cinco subseções. Por último, faremos uma síntese do que foi abordado ao longo do trabalho, com apontamentos de limites e possíveis avanços para estudos posteriores.

Notas de introdução à Sociologia do Esporte

É possível apontar, por meio das obras consultadas, que, em geral, um dos principais elementos históricos que despertam maior interesse da Sociologia do Esporte refere-se à questão de como ocorreu a gênese do esporte. Todavia, ela não se trata da única manifestação/acontecimento sobre a qual esse campo do conhecimento se dedicou a pensar. Assim, alguns dos objetos latentes que a Sociologia do Esporte se preocupou em compreender também serão discutidos a seguir.

A respeito da localização na qual transcorreu o surgimento desse fenômeno, todo o conjunto de teóricos mobilizado neste estudo aponta para Inglaterra, nos séculos XVIII e XIX, como sendo o berço do esporte. Logo, é fundamental compreender que, naquele momento histórico, a Inglaterra estava passando por um grande processo político e “civilizatório”, fato essencial a ser considerado em análises desse período.

Existem lógicas que direcionam a constituição do esporte, a primeira já foi citada anteriormente e a seguinte se trata do poder das atividades realizadas no âmbito do divertimento

das classes dominantes, as quais eram a burguesia emergente e a antiga aristocracia. Nesse sentido, os membros dessas classes realizavam atividades em seu tempo ocioso, como: as apostas em corridas de cavalo, a esgrima e o tênis, o que indica uma tendência para práticas cada vez mais regulamentadas, objetivando haver o mínimo de desentendimentos e discussões nesse espaço (Bracht, 2005).

Primordialmente, há que se apontar que em diferentes tempos históricos, as variadas camadas sociais presentes na sociedade, devido às suas vivências individuais e por conta do meio que as cercam, tendem a estar mais propensas a escolher práticas que remetem ao seu cotidiano real. Desse modo, a classe burguesa ou aristocrática, desde o setecentos/oitocentos inglês, realizava práticas que a distinguiam das demais. Por conta disso, elas se encaminhavam para vivenciar atividades de cunho mais estetizado, como: hipismo, golfe e esqui. Já a classe menos abastada seguia a lógica inversa, por possuir uma relação diferente com o corpo, ou seja, um vínculo de maior uso do vigor físico, assim, tendeu a praticar aquilo que evocava a sua luta de vida e diária, como boxe, futebol e rúgbi (Bracht, 2005; Elias, 1992a).

A lógica esportiva progride paralelamente ao avanço da sociedade em que está inserida, quer dizer, paulatinamente suas relações se tornam mais complexas e estruturadas. Nesse sentido, podemos apontar o surgimento e desenvolvimento da relação existente entre o profissionalismo/amadorismo, que em suma trata-se de um conflito básico entre o capital e trabalho, ou seja, burguesia x proletariado (Bracht, 2005).

A burguesia inglesa setecentista e oitocentista se utilizava da noção de amadorismo e *fair play* como meio de distinção social, já que as atividades praticadas eram realizadas na lógica de meio de diversão e uso do tempo livre (Bracht, 2005). Já aos operários e praticantes comuns, além de utilizarem o esporte como uma prática de divertimento, ele também representava uma possibilidade de ascensão social, na medida em que, caso chegassem a competir por grandes clubes, mesmo que de forma “ilegal”, poderiam receber retornos financeiros (Dunning, 1992a).

Para Dunning (1992a), à medida que o indivíduo passa a participar de modo mais sério no esporte, por conta de pressões sociais, recompensas financeiras e/ou do possível prestígio envolvido, o nível da tensão na prática pode se tornar cada vez mais elevado, até o momento em que o equilíbrio entre rivalidade hostil e amigável tende mais para a primeira. Na contramão, há registros que precedem o nível de sistematização da prática e até mesmo a existência do esporte, porém, no século XIX, já havia claros indicadores de uma exacerbada violência nas atividades competitivas realizadas por alguns povos.

Algo que devemos nos atentar é a questão dos alicerces sob os quais o esporte se expandiu pelo mundo. Assim, podemos apontar que esse movimento de expansão, que ocorreu carregado das características inerentes à modernização observada nos séculos XIX e XX, pode ser definido nos seguintes aspectos: 1) industrialização; 2) tecnologização dos meios de transporte e comunicação; 3) urbanização; 4) surgimento dos sistemas educacionais de ensino; 5) aumento do tempo ocioso (Bracht, 2005). Devemos frisar que esses aspectos podem ser compreendidos em um processo mais amplo denominado de secularização e racionalização, que simbolizam a sociedade moderna (Bracht, 2005; Helal, 1990).

Mas afinal, o que é esporte? Como manifestação da sociedade contemporânea – e sendo um objeto que é atravessado e vivenciado pelos mais diversos sujeitos no mundo –, talvez essa seja uma árdua tarefa a se realizar, mas tentaremos, de forma sintética, conceituar esse fenômeno. Podemos dizer que o esporte é uma atividade mais sistematizada e burocratizada que o jogo; e o jogo também é uma prática que possui maior grau de sistematização em relação à brincadeira, todavia não iremos nos alongar nessa argumentação (Furtado; Borges, 2019).

Retornando ao esporte, é possível caracterizá-lo como uma atividade que necessariamente tem como base a competição (prioritariamente sobre outras dimensões, como o divertimento, por exemplo), que inclui a necessidade de determinada habilidade ou capacidade para ser realizada e que está sujeita a uma organização e burocratização que definem suas características.

Por último, enumeramos quatro questões centrais e realizaremos o esforço, ao longo deste trabalho, de tentar analisar e compreender melhor cada uma, que são: 1) A gênese do esporte; 2) A questão do amadorismo e profissionalismo; 3) A violência presente no esporte e seus usos sociais; 4) As características do esporte ligadas à modernidade. Em nosso entendimento, esses quatro

aspectos representam uma valiosa contribuição e simultaneamente um ponto de interseção entre a Sociologia clássica do Esporte e a área da Educação Física.

A gênese do desporto

Para iniciarmos a discussão de forma adequada, é necessário pontuarmos que o termo escolhido e defendido por nós é esporte, e não Esporte Moderno. Isso porque compreendemos que não houve um esporte da antiguidade ou da idade média, mas um esporte que surge na Inglaterra ao longo dos séculos XVIII e XIX e que é fortemente influenciado pelas características da modernidade.

Assim, utilizaremos o termo referido para balizar nossa reflexão e expor argumentos. Seguindo essa lógica, partiremos da tese da ruptura que, diferentemente da tese de continuidade, compreende que a gênese do esporte ocorreu do meio para o final do século XVIII na Inglaterra, no seio das emblemáticas *publics schools*¹. Desse modo, a tese da ruptura é a concepção mais defendida por todo o coletivo aqui mobilizado, bem como por autores de grande peso da Educação Física, tal como Betti (1997), Bracht (2005) e Stigger (2011).

A ocasião que tornou o surgimento do fenômeno esporte possível configura-se como um período de grandes mudanças políticas, culturais, sociais e econômicas na sociedade inglesa a datar do século XVIII. A junção de todos esses fatores corroborou um cenário de desenvolvimento societário e, conseqüentemente, o surgimento de um novo ordenamento no qual se encontra o esporte. Diante disso, acreditamos que seja plausível discorrer brevemente sobre o contexto pelo qual a sociedade Inglesa passava, culminando em graduais mudanças no âmbito das práticas culturais.

Quando uma nação passa por ciclos de violência, é necessário, em geral, um longo período até que os grupos envolvidos nessa experiência possam esquecer o ocorrido. Muitas gerações podem passar até que os grupos adversários confiem novamente o suficiente um no outro, de forma que passem a viver pacificamente e permitam, caso sejam membros do mesmo Estado, um regimento parlamentar funcional. Nesse sentido, foi necessário que se estabelecessem regras e limites aceitáveis de violência na sociedade, já que o exacerbamento desse episódio fatalmente ocasionaria em um grande e duradouro ressentimento de todas as partes envolvidas, até mesmo se prolongando a seus descendentes (Elias, 1992a).

Nessa perspectiva, o regime parlamentar dos séculos XVII e XVIII passaria a apresentar certas similaridades com as características do que seriam os futuros jogos esportivos. Essa aproximação não é acidental, já que a movimentação política é refletida na lógica das práticas corporais. Alguns tipos de atividades de lazer, por exemplo, o boxe, a corrida e alguns jogos com bola, passariam a assumir características do que seria conhecido como esporte, ou seja, essas práticas possuiriam uma maior regulação nas suas formas de ser.

Uma grande razão da movimentação que surge na política, e posteriormente no esporte, decorre do fato de as antigas assembleias de Estado inglês, câmara dos lordes e a câmara dos comuns, que representavam camadas da sociedade restritas e privilegiadas, constituírem a principal área de confronto no qual se determinou quem deveria constituir o governo² (Elias, 1992a).

Entre as principais necessidades do regime parlamentar, tal como aquela mencionada emergente ao longo do século XVIII, constatou-se a capacidade de um grupo ou partido no governo dominar os seus adversários por meio de um cargo público, sem a necessidade do uso da violência, desde que as regras do jogo parlamentar fossem respeitadas, como ocorre no caso de uma importante votação no parlamento (Elias, 1992a). Assim, a lógica civilizatória presente na política incidiu diretamente nas atividades que eram realizadas por eles e os demais componentes dessa sociedade.

Cabe citar o exemplo da atividade de caça à raposa, que antes era feita com o auxílio de uma arma de fogo e passa progressivamente a ser realizada por via da assistência de um cão

¹ Que, ao contrário do que o nome indica, não eram instituições públicas de ensino, mas privadas.

² Talvez o leitor se pergunte a razão pela qual tantas vezes o regime parlamentar, o governo e a política são diversas vezes citados. Isso se justifica pelo motivo de as transformações a priori ocorrerem a nível governamental e posteriormente seguirem para as atividades e práticas culturais vivenciadas naquele período, já que são atravessadas pela lógica societária vigente.

caçador que possuía a função de efetivamente abater o coelho (novo animal), ou seja, não se trata mais de um ato direto do caçador (Elias, 1992a). Essa atividade de lazer passaria a assumir paulatinamente características de um esporte, já que demonstrava, com grande clareza, elementos que as distinguiam de passatempos.

A caça à raposa fornece um certo tipo de quadro vivo, que dará subsídios aos esportes que passariam a ser sistematizados depois, fato que assustava até mesmo sujeitos estrangeiros que não conheciam tamanha sistematização (Stigger, 2011). Desse modo, essa e outras atividades que possuíam certo distanciamento do corpo, como golfe, passam a fazer cada vez mais parte das práticas realizadas pela burguesia e aristocracia (Elias, 1992a).

Já no final do século XVIII, os praticantes das atividades supramencionadas, que eram realizadas em seu tempo livre e por pura diversão, os quais normalmente eram membros da burguesia e aristocracia, comumente conhecidos como “*gentlemen*”, acabam incorporando-as e realizando-as entre seus pares em seus respectivos clubes. Esses sujeitos eram guiados pela lógica do *fair play*, a qual consiste em uma adoção de regras menos rígidas, ausência de apostas e companheirismo entre seus iguais. Nesse sentido, o “*sportman*”, ou “homem do esporte”, passa a ser sinônimo dos *gentleman* ou cavalheiro (Bracht, 2005).

Posteriormente, no início do século XIX, os filhos desses *gentlemen* passam a ocupar boa parte de seu tempo livre dentro das *public schools*, como eram chamadas as universidades privadas nesse período, mais precisamente 24 horas por dia e 7 dias por semana, ou seja, as instituições funcionavam como uma espécie de internato (Stigger, 2011). Era corriqueiro o acontecimento de diversas revoltas e rebeliões incitadas por alunos contra o sistema escolar, além da disparidade de classes que havia em uma escola entre professores e jovens que provinham de um estrato social superior ao de seus mestres, logo, a condução das turmas era difícil (Dunning, 2011).

Esse fato lhes dava certo autogoverno para atentarem contra alunos mais jovens da instituição e acarretava em problemas crônicos de disciplina (Dunning, 2011). Como aponta Elias (1992a), a sociedade em questão se encontrava em uma mudança drástica de seus comportamentos no que diz respeito ao progressivo domínio de conduta e sensibilidade. Desse modo, as respectivas atitudes passam a ser gradativamente mais hostilizadas e repudiadas, já que vão de encontro a essa nova lógica societária.

É nesse ponto que as práticas vivenciadas no tempo livre, e até mesmo como passatempos de estratos sociais inferiores, assumem grande importância nas atividades vivenciadas dentro das *public schools*. Assim, paulatinamente essas atividades passam a ser mais sistematizadas até assumirem características que as condicionam ao patamar de esporte – é claro, invocando a lógica do *fair play* e do amadorismo, características que futuramente seriam utilizadas como forma de distinção social dos demais praticantes desses esportes.

Os competidores realizavam as mais diversas práticas, como: corridas, cricket, remo e “futebol”. Tais atividades foram estendidas para as demais universidades, como Oxford e Cambridge, sendo o ano de 1829 marcado pela primeira disputa entre elas (Bracht, 2005). Esse fato possibilitou uma maior difusão das práticas e, conseqüentemente, uma organização e burocratização delas, que culminaram em uma autonomização do campo esportivo e originaram as futuras organizações e confederações esportivas.

Pensamos que a narrativa e análise aqui realizada parte de estudiosos que escrevem a partir da área da Educação Física como campo de conhecimento inicial. No entanto, para aprofundar nossos apontamentos, tivemos que beber na fonte de autores e obras originárias do campo de conhecimento sociológico, especialmente do espectro esportivo. Em movimento de retorno, observamos a contribuição de grandes autores da área da Educação Física que aqui são utilizados, como Betti (1997), Bracht (2005) e Stigger (2011). Desse modo, é possível apontar a gênese do esporte como um objeto de grande interesse da Educação Física e com grande contribuição da mesma. Entretanto, ratificamos a importância, para esta empreitada, de recorrer a notáveis sociólogos do esporte que versam a respeito desse objeto, como Norbert Elias e Eric Dunning (1992) e Pierre Bourdieu (1983, 2004).

Em termos de compilação, acreditamos que algumas das contribuições realizadas para o campo da Educação Física ao longo deste tópico estejam nos seguintes aspectos: 1) A sociedade Inglesa passava por uma grande período de mudanças sociais, culturais, políticas e econômicas,

efeito do processo civilizador, teoria elaborada por Norbert Elias; 2) A concepção da tese de ruptura é a mais plausível e aceita pelo coletivo, ou seja, a gênese do esporte ocorreu na Inglaterra, em um processo que se deu ao longo dos séculos XVII, XVIII e XIX. Seu berço foi principalmente as *public schools*, instituições de ensino privado que, em sua grande maioria, eram ocupadas pelos filhos da burguesia e aristocracia; 3) Nas *public schools* e nos clubes, cultivava-se a noção de amadorismo, *fair play* e *gentleman*. O esporte surge nessas instituições objetivando controlar e formar os futuros membros da alta sociedade.

No tópico seguinte, a temática abordada será a questão do amadorismo e profissionalismo, fato que também atravessa a gênese do esporte. Porém, devido às suas proporções, merece um momento e espaço para um debate mais cuidadoso.

A questão do amadorismo e profissionalismo

A questão do amadorismo e profissionalismo é utilizada como meio de distinção entre capital e trabalho, assim como entre camadas menos abastadas e burguesia. A classe dominante faz uso da apologia ao “*ethos*” aristocrático como meio de distinção, e o discurso que se utilizavam era o de que eles estavam ali pelo simples e puro prazer, apenas pelo divertimento de estar realizando a prática esportiva. Todavia, por se tratar de um local de disputa, é possível perceber que a busca pela vitória cada vez mais acentuada levou ao declínio do *ethos* amador. A noção de que o mais importante é apenas participar foi perdendo a centralidade.

Os jogos olímpicos da modernidade são um exemplo da tentativa de perpetuação da mudança de lógica que vimos comentando, possuindo como idealizador e realizador desse feito o Barão de Coubertin (Bracht, 2005). Somente muitos anos depois, com o acontecimento da Primeira e Segunda Guerra Mundial e, posteriormente, a Guerra Fria (entre os blocos liderados por Estados Unidos e União Soviética, sem caráter bélico), esse cenário se altera radicalmente, momento em que o estado progressivamente passa a se apropriar desse fenômeno da modernidade, isto é, o esporte (Bracht, 2005).

Já o profissionalismo, vemo-lo sendo representado majoritariamente pelos operários e praticantes compreendidos como comuns. Havia, para esses sujeitos, uma ínfima possibilidade de elevarem seu nível social por meio do esporte. Portanto, mesmo que as competições, em seu período embrionário, não permitissem esse retorno financeiro, a recompensa financeira era uma possibilidade existente (Dunning, 1992a).

Talvez o grande embate existente entre os dois grandes grupos, amadores e profissionais, resida justamente na possibilidade do primeiro em lutar para manter o *ethos* amador, que o distingue do restante; e o segundo, pela busca da prática profissional nos esportes que, de certo modo, era encarada como uma contravenção ao código esportivo pregado pela burguesia e uma possibilidade de a classe trabalhadora atingir estratos sociais mais elevados.

É possível inferir que existe uma relação entre corpo-esporte e esporte-espaço, que se distingue conforme a posição ocupada pelo seu praticante. A correspondência existente entre espaço das práticas esportivas e o espaço das posições sociais infere que as escolhas das práticas esportivas apenas podem ser compreendidas como um dos vários fatores que determinam a vontade de manter a distância existente entre as posições sociais (Bourdieu, 2004).

É de escolha e preferência da pequena burguesia e aristocracia que exista um distanciamento entre suas atividades e as demais classes sociais. Isso talvez explique a seleção das atividades escolhidas para serem realizadas, que compreendem espaços exclusivos, meios para realizar a prática demasiadamente caros, como trajes, acessórios e implementos, o que conseqüentemente afasta aqueles que não conseguem atender a essas demandas e expectativas.

Para Dunning (1992a), a dinâmica da sociedade moderna acaba por ser reproduzida também na esfera do esporte. Portanto, os desportistas de alto nível, mulheres e homens, não podem realizar suas práticas pelo puro divertimento ou até mesmo serem independentes, sendo obrigados a participar de desportos com seriedade. Isso porque seus treinos e materiais são (ou lutam para que sejam) subsidiados por empresas, grupos comerciais e marcas famosas. Assim, esses atletas se tornam reféns e se veem forçados a representar figuras maiores que eles mesmos, como cidades, distritos ou países (Dunning, 1992a).

No ritmo em que a pressão competitiva se torna progressivamente mais latente nos esportes, os esportistas profissionais disputam por recompensas, sejam elas financeiras, de reconhecimento social ou mesmo por conta da pressão exercida por seus grupos, locais ou nacionais, o que certamente os direcionam a cometerem atos antidesportivos. A tendência é que o peso da vitória se torne cada vez maior, e que os jogadores estejam mais propensos a cometerem ações indesejadas. Dessa maneira, haverá uma propensão mais acentuada para o uso de violências ilegítimas, em situações nas quais talvez isso passe despercebido. Nesse sentido, Dunning (1992b) postulará essa ação de violência institucionalizada, ou seja, utilizada de forma pontual e racionalizada para se obter os fins esperados.

É na lógica dunningiana descrita que o esporte passa a ser comercializado, sendo esperado que os atletas promovam verdadeiros espetáculos, nos quais os consumidores/espectadores e dirigentes estão dispostos a pagar de bom grado. Essa lógica é presente em grande parte dos quadros competitivos, sejam eles locais, regionais, nacionais ou internacionais (Dunning, 1992a). Nesse sentido, os espetáculos esportivos são responsáveis por prover a tensão que a população geral necessita, ou seja, um tipo especial de tensão, uma excitação agradável e, assim, autorizar os sentimentos a fluírem mais livremente, contribuindo para a libertação de tensões provenientes do stress (Elias, 1992b).

Acreditamos que o presente tópico, junto ao anterior, consiga auxiliar no avanço da compreensão do cenário que envolve a lógica fundacional que direcionou o esporte em sua gênese, já que a questão do amadorismo e profissionalismo também se encontra nas raízes dessa temática. Assim, em termos de sintetização, algumas das principais contribuições que podemos apontar são as seguintes: 1) A questão do amadorismo e profissionalismo teve seu conflito de fundo baseada na representação social que cada classe social possui; isto é, as práticas amadoras foram inicialmente defendidas pela burguesia e aristocracia e o profissionalismo ligado ao proletariado; 2) O amadorismo foi uma ferramenta de distinção das classes abastadas em relação às demais, enquanto o profissionalismo portou-se como uma possibilidade de ascensão social e econômica dos menos afortunados.

No tópico seguinte, abordaremos a questão da violência presente no esporte e seus usos. Mesmo sendo algo presente ao longo da discussão, também é um objeto que merece atenção e um espaço para si, pois é um fator que intriga demasiadamente um conjunto de estudiosos tanto da Educação Física, como Betti (2007), quanto da Sociologia do Esporte, como Dunning (1992b, 2011).

A violência presente no esporte e seus usos sociais

As formas de esporte praticadas nas *public schools*, ao final do século XIX e ao longo do século XX, eram demasiadamente violentas. Dunning (1992b), ao realizar uma comparação com alguns antecessores históricos das primeiras modalidades esportivas, chega à inferência de que o rúgbi moderno é bem mais civilizado por conta de uma série de normas e ordenamentos legais que passam a existir em um determinado momento. Dunning (1992b) enumera 4 características que apontam isso e que o esporte passa a assumir posteriormente, sendo elas: 1) um conjunto de regras formalmente estabelecidas que limitam o uso excessivo da violência e de golpes muito contundentes; 2) sanções que ocorrem dentro do jogo, como os *penalties*, objetivando punir o time que as cometeu; 3) estabelecimento de funções que visam regular o jogo dentro e fora do espaço, como os árbitros; 4) um organismo central (federação, liga, etc.) responsável por regular todo o esporte, por elaborar regras e fazer com que sejam cumpridas (Dunning, 1992b).

Os fatores elencados possibilitam um crescimento exponencial da prática esportiva, propiciando um ambiente cada vez mais competitivo. Assim, surge um cenário mais organizado e regulamentado para o esporte, sendo que, ao passo que se desenvolve, paralelamente a pressão competitiva se torna mais latente nessas atividades, aliado a um aumento no número de jogadores que praticam o esporte de forma profissional.

Assim, os profissionais atuantes estão mais propensos a disputar por recompensas, sejam elas financeiras, de reconhecimento social ou mesmo devido à pressão exercida por seus grupos sociais. Nesse contexto, o uso da violência racional ou instrumental é um recurso usado pelo jogador quando não existem mais opções para parar o avanço de seu adversário. Isso era utilizado

como ferramenta no passado, mas não ficou nele, justamente pela existência de recompensas financeiras, fama, *status* e possibilidade de ascensão social.

É evidente que a tendência para o uso racional ou instrumental das violências nos esportes modernos se torna paulatinamente maior na medida em que existem valores e normas gerais e específicas para regulá-los. Todavia, também é responsável por provocar a “retaliação”, o que aumenta os níveis gerais da violência esportiva (Dunning, 1992b). Mesmo a violência sendo uma das características latentes, apontada por Elias e Dunning (1992), Bourdieu (2004), Bracht (2005), Betti (1997) e Dunning (2011), ela foi e continua sendo um aspecto inerente ao esporte na atualidade.

É inegável que há no esporte um gigantesco potencial de mobilizar gerações para realização do ato de praticar/consumir, e a capacidade que ele possui de atenuar as tensões provenientes do *stress* cotidiano. Portanto, é possível afirmar que existe um elemento dentro desse fenômeno que comove os seus adeptos. Na concepção de Elias (1992b), existe uma tensão que causa prazer, uma agradável excitação que culmina em um clímax deleitante e na libertação de tensão. Em especial, os esportes que dispõem de “representação de uma luta” ou “confronto simulado” evocam uma violência que escala geometricamente com o grau de seriedade.

De maneira semelhante, a transformação da sociedade também influenciou as práticas que eram vivenciadas naqueles determinados momentos, tanto de gênese quanto de desenvolvimento. Sendo assim, Cardoso e Furtado (2023), com base em Elias (1992b), apontam a esportivização ou desportivização como um processo do aglutinamento de práticas de movimento outrora experimentadas somente em ocasiões religiosas, cotidianas ou lúdicas de determinados grupos sociais. Segundo os autores, a partir de um determinado momento e conjunto de acontecimentos, as práticas esportivizadas/desportivizadas passam a ser realizadas por intermédio de características mais bem estabelecidas e regulamentadas por convenções complexas, acompanhadas de um conjunto de condutas delimitadas por instituições que surgem com esse intuito.

Cada sociedade está em constante mudança, portanto, podemos apontar que a teoria do processo civilizador de Elias explicará parte das transformações que ocorreram nos momentos históricos que já mencionamos nesse texto. Desse modo, Elias, segundo Dunning (1992b, p. 338), em sua percepção aponta que a transformação “envolveu uma mudança no padrão das ligações sociais, comparável à que foi descrita por Durkheim como a transição da solidariedade mecânica para a solidariedade orgânica”.

Todavia, no intuito de se distanciar da análise presente nos juízos implícitos na terminologia de Durkheim, e levando em consideração que ambos os conceitos tratam de forma de interdependência, o autor nos convida a pensar que ocorrerá uma transição de ligações “sedimentares” para ligações “funcionais” (Dunning, 1992b). Em suma, as ligações sedimentares estariam relacionadas a formas menos civilizadas de relações sociais; e as ligações funcionais, com maneiras mais civilizadas dessas relações, compreendendo que ambas fazem parte de um processo de interdependência, ou seja, acontecem independentemente de suas vontades, pois o meio social as condiciona a assumirem essas características.

Evidentemente, é necessário, ao analisar processos de mudança, o cuidado de não ditar em qual nível de civilidade aquele determinado grupo ou sociedade se encontra, porque para Elias (1992a), esse fator não depende dos sujeitos presentes, mas de relações sociais de longa duração. É necessário pontuar que esse processo não ocorre de forma unidirecional, portanto, cada grupo, região ou nação se encontra em um patamar distinto em relação às suas respectivas ligações sedimentares ou funcionais.

Em meados de 1960, passa a ocorrer uma manifestação no esporte muito particular, a qual se trata do aparecimento dos *hooligans*, que em síntese são grupos adversários que marcam ou se encontram ao acaso e realizam brigas generalizadas. Nesse sentido, os meios utilizados para agredir o adversário eram os mais variados, desde o combate corpo a corpo, arremesso de itens e o uso de armas brancas. Dunning (1992b) compreende que as formas modernas de ligações segmentares se diferem das formas de ligações pré-industriais, já que estão situadas em uma sociedade com um bem mais estável e eficaz, na qual foi desenvolvida uma complexa rede de interdependências.

Assim, os grupos sociais de hoje que apresentam ligações segmentares estão mais fortemente sujeitos às pressões da “civilização” e outras duas formas de controle sociais, as quais são:

1) das ações de policiamento, da educação e da intervenção social do Estado; e 2) dos grupos ligados de modo funcional, na sociedade mais alargada. No último caso, a pressão verifica-se, por um lado, através de ações diretas dinamizadas por tais grupos e, por outro, através da influência que podem exercer nos meios de comunicação social e atividades oficiais (Dunning, 1992b, p. 353).

Portanto, nas sociedades modernas, os grupos segmentares estão sujeitos às ações tanto internas quanto externas ao seu coletivo. Na perspectiva interna desses grupos, os membros perpetuam as configurações sociais que são, em diversas maneiras, conectadas às formas de ligação segmental pré-industrial e que, dessa forma, originam formas violentas de agressividade masculina. Os intrínsecos sentimentos de pertencimento desse grupo acarretam os embates entre os que diferem de si. Sendo assim, é valoroso para um membro do grupo quando ele ou seu grupo tem um embate com os “rivais”, já que isso “é algo necessário como forma de estabelecer e conservar reputações, de acordo com os seus padrões de masculinidade agressiva” (Dunning, 1992b, p. 354).

Talvez seja impossível, ou mesmo um grande desafio, falar de esporte, principalmente das modalidades coletivas, sem falar de violência. Nesse tópico, realizamos o debate a respeito da violência presente nos esportes e, com certa facilidade, podemos apontar Dunning (1992, 2011) e Betti (1997) como sendo os principais autores a nos fornecer subsídios para esse fim. Assim, cabe, neste momento, sintetizarmos quais foram, para nós, as maiores contribuições debatidas neste tópico.

Pontuamos que: 1) houve progressivamente uma organização sistemática das práticas realizadas no interior das *public schools*, fato que possibilitou um melhor controle da violência e possibilidade de tornar o esporte praticado nas demais instituições; 2) o uso da violência racional ou instrumental é ferramenta utilizada de forma corriqueira devido às possibilidades que a vitória pode trazer para os indivíduos envolvidos no jogo, sejam elas de ordem financeira, social, *status* ou mesmo como bilhete para entrar em um outro patamar da sociedade reservado à elite; 3) o conceito de ligações sedimentares está correlacionado às relações menos “complexas” e mais próximas a comportamentos violentos e distantes do “civilizado”, e as ligações funcionais seguem na contramão, sendo caracterizada por relações mais complexas e “civilizadas”; 4) o caso do *hooligans* pode ser compreendido como um movimento realizado pelas torcidas e grupos que se identificam com determinado time ou esporte e tem como objetivo realizarem brigas e tumultos, no intuito de proteger a honra daqueles para quem torcem ou se identificam.

O próximo tópico tratará de uma temática que passa a integrar a lógica do esporte com o passar do tempo e cada vez mais infere sua influência sobre esse fenômeno, que são as características do esporte ligadas à modernidade. Talvez sua maior incidência de fato seja verificada a partir do meio do século XX, momento em que o esporte passa a ser uma manifestação presente em diversas nações.

Características do esporte ligadas à modernidade

Segundo Helal (1990), as características fundacionais do esporte são a secularização e a racionalização. A secularização seria o processo de transposição do que antes pertencia ao domínio religioso, mágico ou sagrado para a esfera do profano. A racionalização pode ser entendida como um processo por meio do qual se introduzem aspectos que antes estavam fora do campo da razão. Desse modo, priorizam-se adaptações conscientes, exatas e eficazes dos meios aos fins que almejam, em vez de considerações de ordem emocional, afetiva ou pessoal.

Nesse sentido, a racionalização se manifesta por três principais características, a dizer: a quantificação, que tem a tendência de transformar os esportes em algo mensurável; atributo, que também explica o surgimento dos recordes; especialização, que se trata da ênfase de alguma capacidade do atleta em detrimento das demais; estratégias e táticas formais e calculistas, caracterizadas pelo movimento chamado de treinamento científico, sendo esse um aspecto que favoreceu com que o futebol passasse a ser praticado de modo mais sistemático e sob grande

disciplina técnica (Helal, 1990).

Conforme Bracht (2005), essa nova modalidade de prática corporal, conduzida pelas duas grandes características citadas anteriormente, é orientada para a competição e rendimento, tendo sua expansão marcada em meados do século XIX e sendo continuamente transformada no decorrer do século XX. É evidente que, em se tratando de um *lócus* de disputa entre diversos interesses e classes sociais, essa expansão não se dará sem resistência. Dessa forma, o gradativo surgimento de instituições esportivas mais organizadas e elaboradas aconteceu por conta dessa nova necessidade imposta pelo crescimento exponencial do esporte e terá como objetivo satisfazer necessidades relativas ao movimento (Bracht, 2005).

Um elemento importante de se destacar é o associacionismo clubístico sendo o berço das ligas e federações, que posteriormente passaram a ser incorporadas pelas instituições esportivas. De acordo com Bracht (2005), com base em Bartholo Jr. (1986), as instituições sociais surgem para: 1) atender, ao menos minimamente, necessidades vitais biológicas; 2) dar conta de uma série de demandas provenientes da sua própria existência; 3) suprir o excesso de pulsões do instinto humano, a partir de uma série de ordenamentos e por meio da criação de uma estrutura de hábitos. Tratando-se dos discursos que legitimam a existência da instituição esportiva e que permitem relações com as demais instituições, podemos apontar os seguintes elementos: saúde, educação e confraternização, os quais não passam de características que legitimam socialmente as organizações esportivas (Bracht, 2005).

Nesse sentido, serão ressaltadas algumas características do esporte espetáculo ou de alto rendimento que os tornam atrativos aos olhares do Estado. Além disso, convidam-nos a pensar o porquê de o esporte parece ser tão naturalmente instrumentalizável politicamente pelo poder legalizado.

- 1) O esporte é uma atividade que possui uma configuração de fácil compreensão. O resultado é dado logo após o término da competição e não deixa dúvidas. É uma atividade facilmente entendida, logo, por conta de sua imprevisibilidade, fornece uma tensão emocional sem igual. É facilmente mutável às nuances da indústria cultural. A simplicidade de sua comunicação a faz ser compreendida em todas as partes do globo;
- 2) O esporte oferece à população geral um objeto de identificação coletiva e pode ser compreendido como um fato social;
- 3) O esporte cria um mundo próprio, permitindo ao seu consumidor uma pausa do mundo real, do mundo do trabalho;
- 4) Utilizado, por parte das nações, como um instrumento de validação e legitimação perante as demais sociedades, sendo o nacionalismo a base para a legitimação do esporte de alto rendimento;
- 5) O esporte é compreendido como espaço da não liberdade, pois é impregnado de razão instrumental, é expressão das relações coisificadas (Bracht, 2005).

As características supracitadas nos direcionam a pensar que esse fenômeno da modernidade é tão significativo que, no momento oportuno, também se tornou objeto de atenção estatal, passando a contribuir ainda mais para a compreensão de que o esporte é uma manifestação singular e extremamente potente no sentido de mobilizar nações para sua prática e consumo.

Foi Helal (1990) quem teve a concepção de que o esporte pode ser compreendido como um fato social, já que é algo socialmente construído. Sendo assim, está para além da consciência individual e exerce uma forte pressão social capaz de penetrar em raízes profundas do comportamento da sociedade, o que incide nos hábitos, costumes e modos de agir dos grupos sociais. Nesse sentido, como já foi demonstrado anteriormente, houve um forte uso político do esporte, principalmente nas duas primeiras guerras mundiais e ao longo da Guerra Fria. Por isso, é importante frisar que o desenvolvimento de formas do esporte voltadas para o alto rendimento passaram a ser utilizadas pelas nações nacional e internacionalmente no mesmo sentido, isto é, com fins políticos.

Seguindo a reflexão que vimos fazendo, podemos mostrar que algumas das características do esporte moderno que o legitimam como fenômeno social são as seguintes:

1) o desenvolvimento do desporto como um dos principais meios de criação de excitação agradável; 2) a transformação do desporto, em termos de função, num dos principais meios de identificação coletiva; 3), a emergência do desporto como uma fonte decisiva de sentido na vida de muitas pessoas (Dunning, 1992b, p. 322-323).

É a partir do exposto que vemos ocorrer o surgimento de novas práticas competitivas que passam a ser esportivizadas e logo são vistas como potências comerciais a serem exploradas, conferindo vez ao profissionalismo. Bracht (2005) destaca dois aspectos que acredita serem centrais da instituição esportiva, quais sejam: a) a velocidade com que a produção e consumo de práticas esportivas aparecem e desaparecem, um fato que está relacionado à lógica de mundo atual, excluindo a necessidade da criação ou construção de uma prática, já que se houver vontade, existe a possibilidade de adquirir uma nova prática em academia, ginásio, salão, etc.; b) a espetacularização dos esportes de alto rendimento, um fenômeno de responsabilidade da maioria dos meios de comunicação, em especial a TV, que é responsável pela criação dos heróis ou lendas esportivas, algo que pode ser compreendido como uma tensão entre secularização e sacralização. Os meios de comunicação também são caracterizados pela condução de uma parcela da realidade, ou seja, o espectador não compreende o todo, mas sim aquilo que é desejado por quem transmite.

A questão central que direcionou este tópico se trata das características do esporte ligadas à modernidade. Assim, cabe apontarmos, de forma sintética, as seguintes contribuições: 1) a secularização é caracterizada por um afastamento do que antes pertencia à esfera do mito ou religioso, e agora passar a ser do mundo ou profano, ou seja, vai de encontro aos dogmas e costumes presentes nas intuições religiosas; 2) a racionalização é configurada pelo avanço do esporte no sentido de treinamentos mais científicos, quantificações e especializações, ou seja, está diretamente ligada ao avanço tecnológico e científico do século XX; 3) o esporte passa a ser de grande interesse dos governos e regimes políticos, por se tratar de uma manifestação de grande mobilização popular e, ao mesmo tempo, de fácil manejo pelas suas características.

Considerações finais

É preciso reconhecer que o esforço feito pelo campo da Sociologia do Esporte é inegavelmente importante para a compreensão dos eixos aqui abordados. Acreditamos que as obras e autores aqui tratados tenham realizado o levantamento e discussão das questões com maestria, dando apoio, suporte e subsídio. Nesse sentido, no presente trabalho, realizamos um esforço de mobilizar os autores elencados a partir do quadro teórico para discutir e debater a relação existente entre Sociologia do Esporte e Educação Física, além de refletir sobre como essa relação nos ajuda a entender melhor o fenômeno esportivo.

Analisamos a gênese do esporte, a questão do amadorismo e profissionalismo, a violência presente no esporte e seus usos, bem como as características do esporte moderno que estão ligadas à modernidade. Desse modo, apontaremos uma síntese geral de cada subseção:

- 1) A respeito da localização de onde transcorreu o surgimento desse fenômeno, todo o coletivo mobilizado neste estudo aponta para Inglaterra como sendo o berço do esporte. A tese da ruptura é a concepção adotada pelos autores mobilizados para subsidiar suas elaborações. É inegável afirmar que o esporte teve seu início nas *public schools*, instituições de educação privadas, compostas principalmente de filhos de burgueses e aristocratas; e lá surgem as noções de amadorismo, *gentleman* e *fair play*. O principal objetivo era formar futuros líderes e sujeitos que comporiam a alta esfera da sociedade;
- 2) A relação existente entre o profissionalismo/amadorismo se tratava de uma tensão básica entre capital X trabalho, ou seja, burguesia X proletariado. A burguesia se utilizava da noção do amadorismo para se distinguir socialmente, já que as atividades praticadas tinham como objetivo ser um tipo de diversão e uso do tempo livre. Já aos operários e praticantes comuns, além de o utilizarem como opção de divertimento, o esporte também representava uma possibilidade de ascensão social, na medida em que, caso chegassem

a grandes clubes, mesmo que de forma “ilegal”, poderiam receber retornos financeiros. Atualmente, a tendência do esporte espetáculo continua a crescer e progressivamente os profissionais atuantes nesse cenário se tornam mais especialistas em suas respectivas funções, protagonizando verdadeiros espetáculos para aqueles que os assistem e consomem.

3) A organização sistemática das práticas que eram realizadas dentro das *public schools* foi responsável pelo controle da violência exacerbada que ocorria dentro dos muros dos estabelecimentos de ensino, e tal fato possibilitou que o esporte se tornasse algo possível nas demais instituições. A noção de vínculos sedimentares está associada às relações menos “complexas” e mais propensas a comportamentos violentos, afastando-se do cenário “civilizado”. Por outro lado, as ligações funcionais seguem uma abordagem oposta, caracterizadas por relações mais complexas e “civilizadas”. O fenômeno dos *hooligans* pode ser compreendido como uma ação realizada por torcidas e grupos que se identificam com um determinado clube ou esporte. Seu objetivo é promover confrontos e tumultos, visando proteger a honra daqueles pelos quais torcem ou com quem se identificam.

4) A secularização se manifesta pelo distanciamento do que anteriormente pertencia à esfera do mito ou religioso, passando agora para o âmbito secular ou profano. Em outras palavras, contradiz os dogmas e costumes presentes nas instituições religiosas. A racionalização se reflete no avanço do esporte, com uma abordagem de treinamentos mais científicos, quantificações e especializações. Essa mudança está diretamente vinculada ao progresso tecnológico e científico do século XX. O interesse significativo dos governos e regimes políticos pelo esporte decorre de sua natureza como uma manifestação que mobiliza amplamente a população, sendo, ao mesmo tempo, facilmente gerenciável devido às suas características distintivas.

Neste estudo, buscamos avançar qualitativamente o debate a respeito das contribuições da Sociologia do Esporte para a área da Educação Física. Assim, acreditamos que este ensaio seja um ponto de partida, pois a apresentação dos autores e os debates aqui realizados podem subsidiar as pesquisas na área da Educação Física, especialmente as que versam na interface entre Educação Física e Sociologia, já que ambas as áreas se preocupam em pensar o fenômeno esporte.

Enquanto limites deste estudo, cremos que é sempre um grande desafio realizar um apanhado do mais e do menos importante em termos de contribuição. Porém, esperamos ter colaborado para a compreensão da relação frutífera existente entre a Sociologia do Esporte e a Educação Física. Assim, é importante pontuar que, por se tratar de grandes questões teóricas, é sempre difícil e desafiador aprofundar a discussão e, simultaneamente, esboçar linhas de uma contribuição para o tempo presente.

Referências

BARTHOLLO JR., Roberto dos Santos. **Os labirintos do silêncio**: cosmovisão e tecnologia na modernidade. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1986.

BETTI, Mauro. **Violência em Campo**: dinheiro, mídia e transgressão às regras do futebol espetáculo. 2 ed. Ijuí: Unijuí, 1997.

BOURDIEU, Pierre. Como é possível ser esportivo? *In*: BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BOURDIEU, Pierre. Programas para uma sociologia do esporte. *In*: BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

BRACHT, Valter. **Sociologia Crítica do Esporte**: uma introdução. 3 ed. Ijuí: Unijuí, 2005.

CARDOSO, Julio Cesar da Silva; FURTADO, Renan Santos. Do modelo clássico de esportivização ao caso do MMA: implicações para a Educação Física escolar. **Cadernos de Aplicação**, v. 36, 2023.

Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/CadernosdoAplicacao/article/view/131302>. Acesso em: 07 mar. 2024.

DUNNING, Eric. A dinâmica do desporto moderno: notas sobre a luta pelos resultados e o significado social do desporto. *In*: ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A Busca da Excitação**: desporto e lazer no processo civilizacional. Lisboa: Difel, 1992a.

DUNNING, Eric. As ligações sociais e a violência no desporto. *In*: ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A Busca da Excitação**: desporto e lazer no processo civilizacional. Lisboa, Difel, 1992b.

DUNNING, Eric. “Figurando” o esporte moderno: algumas reflexões sobre esporte, violência e civilização com referência especial ao futebol. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 42, n. 1, jan./jun., 2011, p. 11-26. Disponível em: <http://periodicos.ufc.br/revcienso/article/view/443>. Acesso em: 07 mar. 2024.

ELIAS, Norbert. A gênese do desporto: um problema sociológico. *In*: ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A Busca da Excitação**: desporto e lazer no processo civilizacional. Lisboa: Difel, 1992b.

ELIAS, Norbert. Introdução. *In*: ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A Busca da Excitação**: desporto e lazer no processo civilizacional. Lisboa: Difel, 1992a.

FURTADO, Renan Santos; BORGES, Carlos Nazareno Ferreira. A condição esportiva. **Educação**, v. 44, p. 1-23, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reveducacao/article/view/36264>. Acesso em: 07 mar. 2024.

HELAL, Ronaldo. **O que é sociologia do esporte**. São Paulo: Editora brasiliense, 1990.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 24. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2016.

STIGGER, Marco Paulo. **Educação Física, esporte e diversidade**. 2 ed. Campinas: Coleção Educação Física e Esportes, 2011.

Recebido em 18 de dezembro de 2023.

Aceito em 23 de fevereiro de 2024.